

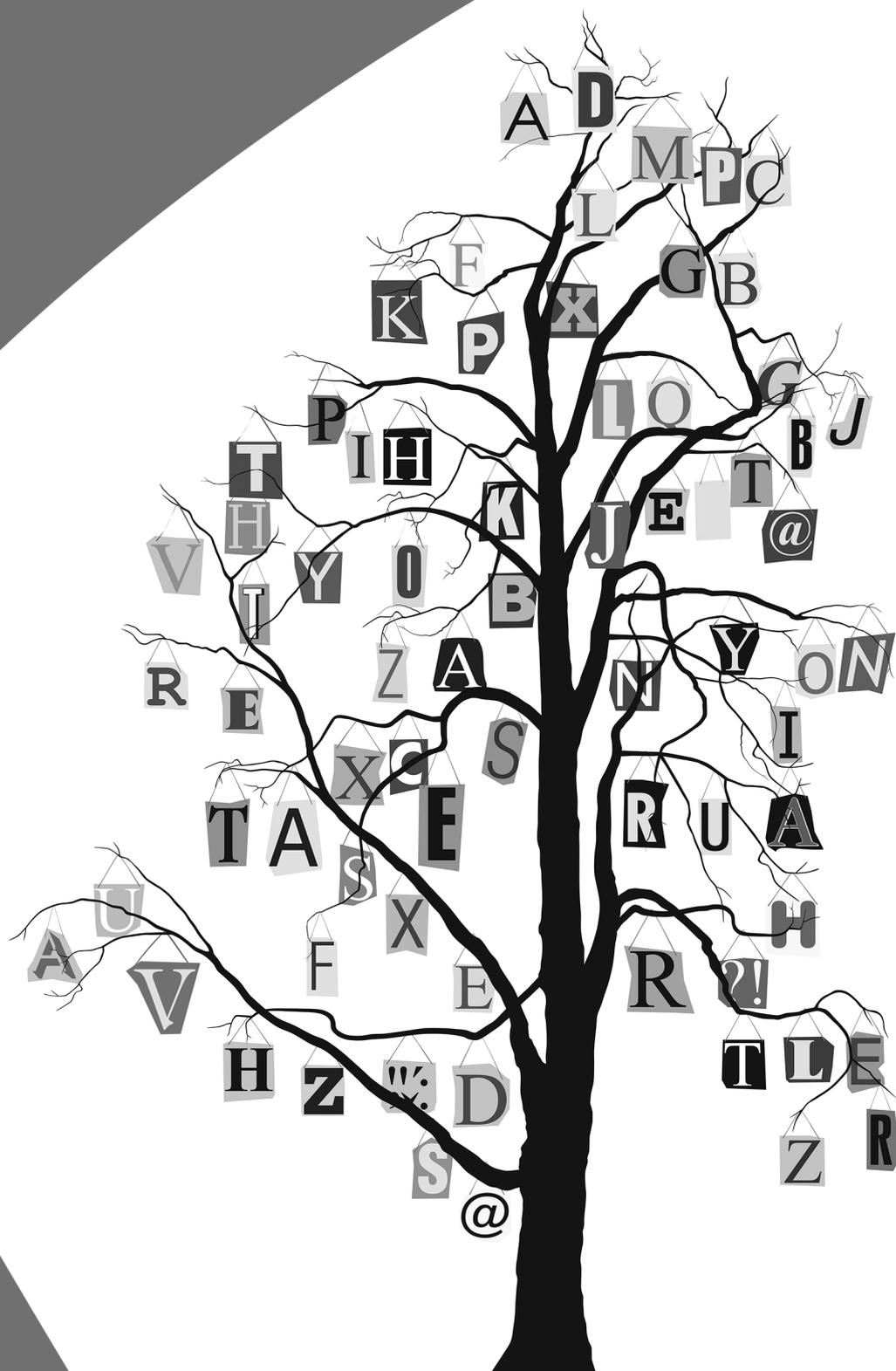
(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

159 (In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-18-8
 DOI 10.22533/at.ed.188202802

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste e-book as reflexões giram em torno dos estudos voltados para as áreas da linguística, da literatura e das artes. Não é uma obra, unicamente, composta por estudos e investigações linguísticas, tampouco destinadas somente ao fazer literários e ao estudo das artes. Estas reflexões são constituintes de uma coletânea plural das ideias e dos conhecimentos que aqui se apresentam, assim como devem ser todas as investigações que têm o ser humano como principal agente de problematizações e soluções.

Os trinta e três capítulos que dão formatos e sentidos à obra estão no mesmo patamar das propostas em que é valorizada cada forma como os seus autores se debruçam sobre seus escritos, suas análises e suas investigações, denotando que o ser humano é, por excelência, um sujeito que está envolvido e inserido na linguagem para entender outros contextos comunicativos, poéticos, estéticos e discursivos.

Todos os capítulos são necessários e imprescindíveis para a efetivação desta obra, pois felizes e ousados são os autores que se propuseram a demonstrar como os diferentes conhecimentos estão sendo formulados e construídos nos diferentes contextos de realização da linguagem.

Em cada capítulo a presença das marcas singulares é latente, porque a linguística utiliza-se da literatura e da arte para criar seus objetos de investigação, análise, estudo, problematização e de construção de sentidos, visto que é na linguagem que os questionamentos podem tomar formas em propostas e sugestões. Assim como a literatura se utiliza da arte, a arte refaz o mesmo caminho da literatura e da linguística, mas de maneira mais singular, porque cumpre a nobre missão de nos encantar.

As (in) subordinações semânticas que compõem esta obra se justificam pela diversidade de conhecimentos e de saberes estruturados contidos em cada parte deste e-book. Entendê-las e construir pontes dialógicas na formação cognitiva do sujeito são algumas das funções dos trinta e um capítulos que formatizam as ideias lançadas nesta coletânea plural.

Assim, todos os autores que aqui se propuseram, fazem votos de que os leitores, principais interlocutores desta obra, encontrem as respostas para seus questionamentos e, mais ainda, sejam capazes de elaborar outras questões na criação de possibilidades que se estabelecem em uma cadeia interconectada de saberes.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NOS EXAMES DE PROFICIÊNCIA DAS UNIVERSIDADES DE SANTA CATARINA	
Cassiane Lemes Batista Tadinei Daniel Jacumasso	
DOI 10.22533/at.ed.1882028021	
CAPÍTULO 2	10
A LINGUAGEM DOS PERIÓDICOS DE ÉPOCA, EM TORNO À ESCRAVIDÃO	
Maria Lucia Mexias-Simon	
DOI 10.22533/at.ed.1882028022	
CAPÍTULO 3	18
LETRAMENTOS E ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DO DISCURSO À PRÁTICA	
Indionara de Matos Márcia Adriana Dias Kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028023	
CAPÍTULO 4	32
LETRAMENTOS MULTISSEMIÓTICOS: O AUDIOVISUAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE LÍNGUAS	
Ana Paula Domingos Baladeli	
DOI 10.22533/at.ed.1882028024	
CAPÍTULO 5	43
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NO ENSINO DE GRAMÁTICA E GÊNEROS DE TEXTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1882028025	
CAPÍTULO 6	65
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA	
Nereda Lima de Carvalho Hávila Sâmua Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1882028026	
CAPÍTULO 7	74
PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DA COMPREENSÃO AUDITIVA EM LÍNGUA INGLESA VIA <i>MOODLE</i>	
Gabriel Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.1882028027	

CAPÍTULO 8	85
TRABALHANDO A ORALIDADE ATRAVÉS DA MÍDIA PODCAST NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Sidinei Mateus Schmidt Fabiana Diniz Kurtz Taíse Neves Possani	
DOI 10.22533/at.ed.1882028028	
CAPÍTULO 9	93
MONITORIA DE LEITURA E DE PRODUÇÃO TEXTUAL NA UNIVERSIDADE: LETRAMENTOS PARA AS PRÁTICAS SOCIAIS	
Pamela Tais Clein Capelin Márcia Adriana Dias kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028029	
CAPÍTULO 10	105
RÁDIO NA FEIRA: DISCURSO E ORALIDADE NO VIÉS DA LITERATURA	
Darlise Vaccarin Fadanni	
DOI 10.22533/at.ed.18820280210	
CAPÍTULO 11	117
CONCEPÇÃO DA LINGUÍSTICA APLICADA EM UM PROJETO DE CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO	
Daniele Santos Rocha Emerson Tadeu Cotrim Assunção Juliana Alves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.18820280211	
CAPÍTULO 12	128
UMA VISÃO SOBRE OS GÊNEROS LITERÁRIOS AO LONGO DA HISTÓRIA	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.18820280212	
CAPÍTULO 13	150
TRAVESSIAS ÉTICO-POLÍTICAS: ESTUDOS EM ATUAÇÃO	
Tânia Tiemi Ikeoka	
DOI 10.22533/at.ed.18820280213	
CAPÍTULO 14	163
UM ESTUDO COMPARADO ENTRE AS OBRAS <i>SIMÃO DIAS</i> E <i>O CORTIÇO</i> , NAS PERSONAGENS LUISA, DO CARMO E POMBINHA	
Rosa Gabriely Monteiro Fontes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280214	
CAPÍTULO 15	173
A SERIEMA, A CIDADE E A MULHER NA POÉTICA DE APARECIDO ALVES MACHADO	
Erick Vinicius Mathias Leite Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280215	

CAPÍTULO 16	193
SUBORDINAÇÃO E SUBALTERNIDADE DA MULHER INDÍGENA EM <i>CRIADA</i> (2009), DE MATÍAS HERRERA CÓRDOBA	
Larissa Natalia Silva Rosangela Schardong	
DOI 10.22533/at.ed.18820280216	
CAPÍTULO 17	206
PROTAGONISMO FEMININO NO CÁLIX DE VINHO DE JULIANA	
Jeane de Cássia Nascimento Santos Antonio Marcos dos Santos Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.18820280217	
CAPÍTULO 18	217
MEMÓRIA, HISTÓRIA E ANCESTRALIDADE NO ROMANCE <i>UM DEFEITO DE COR</i> , DE ANA MARIA GONÇALVES	
Ramon Rocha Ribeiro Cristian Souza de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.18820280218	
CAPÍTULO 19	232
ANÁLISE DA CARGA NEGATIVA DA SOMBRA NA <i>MISE-EN-SCÈNE</i> DO CINEMA EXPRESSIONISTA	
Juan Francisco Celín Robalino	
DOI 10.22533/at.ed.18820280219	
CAPÍTULO 20	247
O MALANDRO NO CONTO “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”, DE LIMA BARRETO	
Victória Nantes Marinho Adorno Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280220	
CAPÍTULO 21	259
QUE FOGO NOS TRAZ ESSE PROMETEU MODERNO: AS TRÊS FASES DA ESCRITA FEMININA DE ELAINE SHOWALTER EM <i>FRANKENSTEIN</i> DE MARY SHELLEY	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macêdo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280221	
CAPÍTULO 22	270
INOVAÇÃO EDUCACIONAL: O FENÔMENO DA TRANSMÍDIA NA VIDA ESCOLAR DOS JOVENS DE BREVES-PA, ILHA DO MARAJÓ	
Valéria de Oliveira Pena Borges Bruno Diego Fernandes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.18820280222	

CAPÍTULO 23	275
MÚSICA, ALFABETIZAÇÃO E FOLCLORE: POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES	
Cibele Machado Maier Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280223	
CAPÍTULO 24	283
O CORPO EM <i>BREATH, EYES, MEMORY</i> : DESLOCAMENTO,TRAJETÓRIAS E POSICIONAMENTOS	
Juliana Borges Oliveira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280224	
CAPÍTULO 25	293
PENSANDO O CORPO CÔMICO NA DANÇA	
Diego Mejia Neves Clara Gouvêa do Prado Leonardo Birche de Carvalho Mariana dos Reis Gabriel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280225	
CAPÍTULO 26	300
DESAFIOS DO LICENCIADO EM DANÇA:DA GRADUAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO	
Juliana Ramos Buçard do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280226	
CAPÍTULO 27	304
ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: DANÇA E REABILITAÇÃO NEUROLÓGICA INFANTIL	
Maria Fernanda Silva Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280227	
CAPÍTULO 28	316
ELO: LEGADO CULTURAL CAPIXABA	
Camila Honorio Alves	
DOI 10.22533/at.ed.18820280228	
CAPÍTULO 29	324
CAMINHOS DA PRESENÇA: COM-SENTINDO OUTRAS/OS BAILARINAS/OS POSSÍVEIS	
Daniela Isabel Kuhn Juliana Maria Greca	
DOI 10.22533/at.ed.18820280229	
CAPÍTULO 30	337
DANÇA E CONHECIMENTO: FORMULAÇÕES OU INSURGÊNCIAS DO AGORA	
Márcia Virgínia Mignac da Silva Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.18820280230	

CAPÍTULO 31	349
DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS E DE MATRIZ AFRICANA: A ABP E UMA PROPOSTA DE PROJETO INTERDISCIPLINAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Joana Maria Santana Torres	
DOI 10.22533/at.ed.18820280231	
CAPÍTULO 32	364
ESPAÇO URBANO, RESISTÊNCIA E LITERATURA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA ACERCA DA APROPRIAÇÃO DA CIDADE	
Leandro Souza Borges Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18820280232	
CAPÍTULO 33	384
REVITALIZAÇÃO DE ÁREAS PÚBLICAS: DISCURSOS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDEOLÓGICAS DE HIGIENIZAÇÃO SOCIAL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Letícia Leal Lima	
DOI 10.22533/at.ed.18820280233	
SOBRE O ORGANIZADOR	399
ÍNDICE REMISSIVO	400

O CORPO EM *BREATH, EYES, MEMORY*: DESLOCAMENTO, TRAJETÓRIAS E POSICIONAMENTOS

Data de aceite: 18/02/2020

Data de submissão: 10/12/2019

Juliana Borges Oliveira de Morais

UFSJ, DELAC

São João del-Rei, MG

<http://lattes.cnpq.br/8918633529917687>

RESUMO: Em *Breath, Eyes, Memory*, romance de Edwidge Danticat, o corpo é um importante espaço, gendrado, de transformações (e de tentativas) que se permite ler: ele é um meio notório de expressão de posicionamentos discursivos das personagens femininas. Esse corpo, por sua vez, como espaço, não é estático: ele oferece uma força de resposta ao sistema no qual está imerso, seja de submissão, conivência, resistência. É a partir da visão da relevância da espacialidade do corpo feminino que proponho analisar as personagens Martine e Sophie. Essas personagens, diaspóricas, expressam, por meio de suas relações com seus corpos, posicionamentos de resistência e de agenciamento em relação ao sistema patriarcal no qual estão imersas.

PALAVRAS-CHAVE: corpo, espaço, gênero, discurso

THE BODY IN *BREATH, EYES, MEMORY*:

DISPLACEMENT, TRAJECTORIES AND POSITIONINGS

ABSTRACT: *Breath, Eyes, Memory*, written by Edwidge Danticat, portrays the body as a relevant gendered space of transformation and of attempts to other possibilities. The female body, in the novel, is a text that allows itself to be read: a media for the expression of discursive positionings of the women characters. A body is a space. As a space, it is not static, but responds to the system in which it is immersed in the form of submission, complicity, resistance. Bearing in mind the relevance of the spatiality of the female body in Danticat's work, It is my goal to analyze the characters Martine and Sophie. These diasporic women express, by means of their bodies, positionings of resistance and of agency in response to the patriarchal system in which they are immersed.

KEYWORDS: body, space, gender, discourse

1 | INTRODUÇÃO

Breath, Eyes, Memory (1994), de Edwidge Danticat, nos apresenta o contexto de uma família haitiana, a família Caco, nos espaços tanto do Haiti e quanto dos Estados Unidos. Quatro mulheres são representadas nestes espaços diaspóricos: Ifé, que vive no

Haiti durante toda a vida, suas filhas Atie e Martine; e Sophie, a neta. Martine e Sophie se deslocam para os Estados Unidos em momentos distintos na narrativa, enquanto Atie permanece no Haiti com sua mãe. Neste trabalho trago para o campo de discussão as personagens Martine e Sophie.

Martine, que é mãe de Sophie, vai para os Estados Unidos à procura de novos começos tanto para si quanto para sua filha, motivada especialmente pelo trauma devido à violência sexual que sofre no Haiti. Ela emigra sozinha, deixando sua filha, ainda criança, aos cuidados de sua irmã Atie e de sua mãe, Ifé. Martine vê nos Estados Unidos tanto uma oportunidade de sustento para si e para sua família quanto a possibilidade de se ver livre de traumas sofridos no Haiti. Essa possibilidade é, contudo, problematizada ao longo do texto de Danticat.

Isso porque Martine leva consigo marcas importantes (nos campos físico e psicológico), devido à memória traumática advinda do estupro que sofreu em sua terra natal, que teve também como consequência a gravidez de sua filha. Quando Martine opta pelo deslocamento físico-geográfico, de certa forma ela também deseja deslocar seu próprio posicionamento como sujeito feminino no espaço que a cerca. Seu corpo, texto em si, é também um espaço o qual ela pretende reescrever, deslocar, reposicionar. Contudo, rastros de uma grafia infeliz em seu corpo tornam tentativas de transformação desse espaço bastante complexas no itinerário dessa personagem.

Sophie, por sua vez, fruto do estupro de Martine, é enviada ao encontro da mãe aos doze anos de idade. Ela então vive uma jornada, ao longo dos anos, que a faz refletir sobre diversas tradições e também de silenciamentos, não somente devido à ditadura no Haiti, mas também devido a traumas sofridos por ela nos Estados Unidos. Essa personagem vive um trauma, por exemplo, causado pelas mãos de sua própria mãe, devido à perpetuação de uma tradição haitiana na qual as filhas moças têm sua virgindade testada assim que atingem determinada idade e passam a se envolver com rapazes. Repercussões dessa tradição serão retomadas adiante.

Finalmente, a avó Ifé e tia Atie se configuram, na narrativa, como importantes arquivos culturais para a família Caco. A presença dessas mulheres, que permanecem no Haiti, desencadeia memórias e reaviva tradições, principalmente nas trajetórias de Martine e de Sophie.

Breath, Eyes, Memory é o primeiro romance da escritora haitiana Edwidge Danticat e foi publicado em 1994. Ele foi primeiramente concebido como um conto: a autora o escreveu para o jornal de sua escola, durante o ensino médio. O texto era, a princípio, a respeito de sua própria mudança para os Estados Unidos, ocasião em que foi ao encontro de sua mãe, aos doze anos de idade (1981). Na obra, a personagem que vive essa experiência é Sophie. A família de Danticat parte do Haiti durante o regime dos Duvaliers (SARTHOU, 2010, p. 102), também como ocorre no

romance. Foi durante seus estudos na Brown University que o conto se expandiu e se tornou a obra como a conhecemos hoje (BELLALOUNA, LABLANC e MILNE, 2000, p. 183).

O corpo feminino, bastante representado na obra de Danticat, é um importante espaço de transformações (e de tentativas) que se permite ler: ele é um meio notório de expressão de posicionamentos discursivos das personagens. Esse corpo, por sua vez, como espaço, não é estático: ele oferece uma força de resposta ao sistema no qual está imerso, seja de submissão, convivência, resistência. É a partir da visão da relevância da espacialidade do corpo feminino, portanto, que proponho analisar as personagens Martine e de sua filha, Sophie, no romance *Breath, Eyes Memory*. Essas personagens, diaspóricas, expressam, por meio de suas relações com seus corpos, posicionamentos de resistência e de agenciamento em relação ao sistema patriarcal no qual estão imersas.

2 | O CORPO: ESPAÇO DE PERCURSOS E DE POSSIBILIDADES

No que se refere a espaço, eu o abordo como uma grandeza aberta e em constante reconstrução, conforme teoriza a geógrafa Doreen Massey (2009, p. 29). Ela enfatiza também a característica de contingência do espaço, além de ressaltar sua grandeza temporal (o espaço não está em contraposição ao tempo, mas o segundo estaria inserido no primeiro). Sob esse viés, o espaço não é estático, visto que ele se transforma devido à sua perspectiva temporal e, principalmente, por meio da ação humana. Ainda segundo Massey, o espaço é constituído por inter-relações e por uma “simultaneidade de histórias”:

Nesse espaço aberto interacional há sempre conexões ainda por serem feitas, justaposições ainda a desabrochar em interação (ou não, pois nem todas as conexões potenciais têm de ser estabelecidas), relações que podem ou não ser realizadas. [...] O espaço jamais poderá ser essa simultaneidade completa [...] (MASSEY, 2009, p. 32).

Logo, a geógrafa propõe o espaço como algo não fechado em si ou dotado de qualquer essência ou identidade fixa. Ele é uma soma de histórias existentes até o presente momento e imprevisível, por ser aberto.

Antes da discussão sobre as personagens, vale ressaltar, antes, que o espaço discursivo engloba diferentes possibilidades de lugares de enunciação. Ele pode evidenciar tanto a voz quanto o próprio silêncio, isto é, aquilo que não alcança seu objetivo primeiro de enunciado, quer devido a uma interrupção da enunciação em si, quer devido à ausência de quem escute aquilo que é dito. Martine e Sophie percorrem trajetórias distintas e se posicionam em determinados lugares discursivos que evidenciam ora a voz e ora a ausência dela, por motivos vários.

Ressalto aqui a contribuição dos estudos de Michel Foucault para esta reflexão, devido às suas considerações de que o exercício do poder estaria associado a práticas discursivas. Ele afirma que há ferramentas de exclusão que agem exatamente no nível do discurso: elas interrompem a fala ou deslegitimam quem fala. Michel Foucault descreve alguns procedimentos de exclusão discursiva, sendo o mais familiar, segundo ele, o de interdição (2009b, p. 9).

Por interdição compreende-se o fato de que o sujeito “não tem o direito de dizer tudo” (FOUCAULT, 2009b, p. 9). Vale lembrar que, segundo Foucault, o discurso não é neutro. Por isso, nem tudo que se tem a intenção de enunciar poderia ser de fato enunciado. Ademais, o discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2009b, p. 10). O discurso, conseqüentemente, tanto manifestaria o desejo quanto seria objeto dele. Por fim, as interdições, por sua vez, estariam intimamente ligadas ao desejo e ao poder (FOUCAULT, 2009b, p. 10). Daí o fato de que elas atuariam de forma mais acirrada nos campos da política e da sexualidade, segundo o filósofo.

A medida da interdição como ferramenta de exclusão e de marcação de poder está presente em *Breath, Eyes, Memory*. Essa interdição, no caso de Martine, começa com sua vivência do estupro: isto é, se inicia já no espaço do seu corpo. O estupro acontece em um canavial e teria sido cometido supostamente por um soldado da milícia de François Duvalier: um *tonton macoute*. Nesse episódio, Martine é rendida e objetificada como um território passivo, a ser dominado. Martine revela à filha o ocorrido aos mais tarde, já em território estadunidense:

Mas aconteceu assim. Um homem me agarrou do lado de uma estrada, me puxou para dentro de um canavial, e te colocou dentro do meu corpo. Eu ainda era uma menina jovem na época, só um pouco mais velha do que você. [...] Eu achei que Atie te contaria. Eu nunca vi o seu rosto. Ele o tampou quando fez isso comigo. Mas agora, quando olho para seu rosto eu acho que é verdade o que dizem. Uma criança de relação extraconjugal sempre parece com seu pai. 7 (DANTICAT, 1994, p. 61, tradução minha).

Ao ver sua filha, Martine tem a certeza de estar encarando o rosto do homem que a estuprou.

Conforme nos lembra Ania Loomba, desde o período colonial, corpos femininos simbolizam a terra conquistada, colonizada. É significativo, portanto, que terras colonizadas sejam identificadas com nomes femininos ou representadas com imagens de mulheres (LOOMBA, 1998, p. 152). Nesse sentido, vale lembrarmos que, em sociedades patriarcais, o corpo feminino, segundo Judith Butler, é visto como permeável, ao contrário dos corpos masculinos (BUTLER, 2001, p. 2493). Essa suposta natureza legitimaria a violação de mulheres.

Não somente Martine é colonizada, mas também se torna um corpo em dor. Segundo Bibi Bakare-Yusuf, a dor é algo quase impossível de ser traduzida em palavras e por isso tende a ser uma experiência aprisionada dentro do próprio corpo (1999, p. 314). Segundo ela, a própria ferramenta de se infringir dor no outro já teria como objetivo uma tortura a mais, que seria provocar na vítima, além do trauma físico, também aquele de um suposto fracasso, causado pela (in)capacidade da linguagem de abarcar/revelar aquele significado. O sujeito que sofre a dor teria dificuldades em transportar essa experiência para o campo da linguagem.

Ademais, Judith Herman afirma que há certas violações inclusive por demais terríveis para serem ditas em voz alta, e daí serem compreendidas como não pronunciáveis ou interditas, como seria a experiência de um estupro (1992, p. 1). Segundo ela, pré-requisitos para a recuperação desse trauma seriam lembrar e falar sobre o ocorrido, porém o drama para quem sofre o trauma estaria justamente no conflito entre o desejo de negar o evento e o de expressá-lo em voz alta (1992, p. 1). Percebe-se, assim, a tensão na qual Martine vive, por mais que ela faça tentativas de reescrita do texto do seu próprio corpo.

Herman afirma que uma das típicas reações ao trauma é, de fato, o fenômeno da intrusão, isto é, o reviver do episódio traumático como se eles estivesse continuamente se repetindo no presente (1992, p. 37). Segundo ela, o trauma impede o curso de um desenvolvimento de vida normal por causa do fenômeno da intrusão, que é uma intromissão recorrente na vida do sobrevivente ao trauma (1992, p.37). O momento de terror é revivido, independentemente da vontade do sujeito envolvido. Mais do que isso, o momento é revivido apesar do desejo de se esquecer-lo. Martine sofre intrusão porque tem recorrentes pesadelos que a fazem reviver o estupro. Nesses pesadelos ela sonha com o rosto do homem que a violenta, o qual ela não viu, porém cuja imagem ela constrói a partir do semblante de Sophie.

Somando-se ao fenômeno da intrusão, Martine também adquire uma certa resistência em relação à sua terra natal. Isso pode ser explicado também devido à memória do estupro, causado por um agente da milícia da ditadura vigente. Ela decide não pisar em terras haitianas, a não ser por alguma necessidade extrema, como ocorreu no romance, ao tentar resgatar o relacionamento com sua filha quando essa decide ficar um tempo no Haiti (DANTICAT, 1994, p.162). Além de rejeitar, seletivamente, aspectos que a aproximem de seu país natal, Martine também adquire uma postura assimilacionista nos Estados Unidos. Uma forma visível é a negação de sua cor, diretamente associada à sua descendência haitiana.

Vale lembrar que as ilhas caribenhas são a porta de entrada de escravos africanos nas Américas, notadamente a ilha de Hispaniola, que é dividida, atualmente, ente Haiti e República Dominicana (TORRES SAILLANT, 2000, p.1086). O tráfico de escravos começa na região no século 15 e perdura, no Haiti, até a Revolução Haitiana, no final

do século 18 e início do 19. Assim, a população haitiana é constituída primariamente por escravos e descendentes. Há uma estimativa de que na atualidade 95% da população haitiana seja negra, como legado da diáspora africana na ilha.

Retornando à Martine, nos Estados Unidos ela passa, por exemplo, a usar cremes, com o firme propósito de clarear a sua pele. Sophie, observadora da mãe, repara, contudo, que a cor de berinjela de Martine sempre retornava (DANTICAT, 1994, p.189) e que a mãe insistia em continuar a aplicar o clareador. Em visita ao Haiti, Martine é questionada por sua mãe, Ifé, em relação a essa mudança de pigmentação da sua pele, que estaria alguns tons mais clara. A resposta de Martine à mãe é que os Estados Unidos é um país muito frio, que transforma os habitantes em fantasmas (DANTICAT, 1994, p.161). Ifé então lhe diz que em terras haitianas Xangô mudava tal situação. Martine, no entanto, parece querer, em certos momentos, tentar se tornar invisível, não identificável como “Outro”, no contexto dos Estados Unidos, talvez exatamente como um fantasma.

Esse artifício é em vão, pois enquanto seu rosto estava mais pálido, o corpo de Martine continuava cor de ébano (DANTICAT, 1994, p. 162). Contudo, conforme afirma Lúcia Almeida, “o rosto é a parte mais expressiva de nosso corpo, o centro mais importante de comunicação, e o traço social do indivíduo”(2009, 145). Portanto, Martine, talvez inconscientemente, no esforço pela mudança de tom de pele, tentasse comunicar um desejo de apagamento de traumas acontecidos no seu país de origem por meio da linguagem do seu próprio corpo. Esse desejo pode tê-la levado a certas atitudes assimilacionistas. Contudo, Martine não é essencialmente isso ou aquilo: a personagem vive tensões ao longo do seu percurso, e todas elas permeadas pelo seu corpo.

Martine é marcada pela interdição de forma contundente, mas não se pode dizer, por exemplo, que ela seja somente uma personagem silenciada ou pessimista. As identificações de Martine a cada momento demonstram que há um movimento de forças deslizantes que atuam em suas percepções. Em certa ocasião, ela conhece um haitiano nos Estados Unidos e tenta se reorganizar emocionalmente, inclusive na experiência da materialidade do seu corpo. Ela chega, inclusive, a ficar grávida. Quando ela se vê grávida de Marc, em determinados momentos ela se permite vislumbrar uma outra possibilidade de vida, tanto como mãe quanto como amante; já em outros ela se vê presa em um corpo grávido, no qual ela não é senão vítima de uma suposta condição feminina, que remete à sua memória traumática. Martine se diz, a certo ponto, uma fracassada e assim tenta justificar seu desejo de abortar sua segunda gestação: “Olhe para mim. Sou uma mulher gorda tentando passar por magra. Uma mulher escura tentando passar por clara” (DANTICAT, 1994, p.189,

1 “Look at me. I am a fat woman trying to pass for thin. A dark woman trying to pass for light.”

tradução minha).

Talvez seja esse sentimento de aprisionamento que desencadeie o seu suicídio: o desejo de libertação de condições perante as quais ela se via impotente; o anseio por não sofrer mais. Esse desejo de libertação é sinalizado previamente na narrativa por meio de uma estória narrada por Sophie: certa vez, uma mulher cansada de sangrar por doze anos consecutivos sem motivo aparente teria pedido ajuda a Erzulie, divindade no vudu haitiano correspondente à Virgem Maria no Catolicismo. Essa então lhe diz que a única forma de o sangramento parar seria se a mulher deixasse de ser humana. Erzulie lhe dá opções de animais e vegetais em que se transformar, e a mulher, então, escolhe se tornar uma borboleta. Uma vez borboleta, ela então deixa de sangrar (DANTICAT, 1994, p. 79).

No capítulo final de *Breath, Eyes, Memory* é feita a associação dessa estória, que é contada capítulos antes, com Martine. A voz narrativa (Sophie) diz: “Minha mãe era como aquela mulher que não conseguia sangrar nunca e que depois não conseguia parar de sangrar, a que cedeu à sua dor para viver como borboleta”² (DANTICAT, 1994, p. 234, tradução minha). Apesar de cometer suicídio, fica no texto de Danticat a ideia da possibilidade de Martine enfim ter alcançado uma liberdade que lhe parece faltar em vida.

Já no que se refere a Sophie, pode-se dizer que ela também tem em seu corpo inscrições de um itinerário de vivências, escolhas e tentativas. Efetivamente, Sophie rompe com determinadas barreiras relacionadas ao fato de ser mulher, no seu contexto, por exemplo. Um primeiro rompimento é percebido em sua postura em relação aos testes de virgindade impostos a ela, os quais são interrompidos a partir de uma redefinição geográfica (física e psicológica) das fronteiras de seu próprio corpo e de uma revisão de seu posicionamento discursivo. Esses testes seriam da cultura haitiana: a mãe, para garantir a moral da família, testaria a virgindade das filhas por meio do toque, assim que elas comesçassem a se interessar por rapazes. Isso ocorre com Sophie quando ela assume para a mãe seu relacionamento com Joseph, seu primeiro e único namorado.

Os testes provocam reações corporais em Sophie que perduram e se tornam mais complexas no que se refere à sua sexualidade e afetividade, como um todo: ela se vê incapaz de manter relacionamentos sexuais com seu parceiro, depois de casada, por exemplo. Após o parto de sua filha, fruto de uma única experiência sexual, seu corpo parece rejeitar qualquer contato físico, o que demanda muito de sua relação com seu marido. Além disso, Sophie desenvolve bulimia, um transtorno notadamente associado a relações de dificuldade na aceitação da própria materialidade do corpo.

Contudo, há tentativas de redefinição geográfica, discursiva, ao longo da

2 “My mother was like that woman who could never bleed and then could never stop bleeding, the one who gave in to her pain, to live as a butterfly.”

trajetória de Sophie. Em uma ocasião, por exemplo, ciente de que continuaria sendo exposta e humilhada pela mãe cada vez que tivesse um encontro com seu então namorado, decide romper seu próprio hímen:

A minha carne se rasgou assim que eu pressionei o pilão adentro. Eu podia ver o sangue escorrendo lentamente em direção ao lençol. Peguei o pilão e o lençol ensanguentado e os enfiiei dentro de uma sacola. Já não existia mais o véu que sempre retinha o dedo da minha mãe, toda vez que ela me testava. Meu corpo estava tremendo quando minha mãe entrou no meu quarto para me testar. Minhas pernas estavam vacilantes quando ela as abriu. Doía tanto que eu mal conseguia me mover. Finalmente, eu havia falhado no teste³ (DANTICAT, 1994, p. 88, tradução minha).

A partir dessa interrupção física, ela tem o objetivo de estabelecer novos limites que não apenas os corporais: ela se reposiciona também como sujeito. Ao quebrar com uma tradição de imposição ligada ao corpo feminino, ela afirma seu posicionamento como sujeito disposto a ocupar novos lugares discursivos tanto na condição de mulher da família Caco como na condição de parceira de Joseph.

O jugo de sua mãe não mais faz parte de sua experiência: “Minha mãe me agarrou pela mão e me puxou da cama. Ela estava calma agora, pois havia desistido da sua raiva. ‘Vai’, ela disse com lágrimas rolando por seu rosto”⁴ (DANTICAT, 1999, p. 88, tradução minha). Sophie leva consigo consequências desse ato, que não são exclusivamente positivas, mas marca aí uma mudança de posicionamento que tem reflexos também no espaço físico que percorre: a partir desse momento ela está livre para morar onde quiser e vai imediatamente ao encontro de Joseph, seu namorado, com mala e tudo.

Ao final do romance, com o fim de se libertar de traumas relacionados à sua sexualidade e afetividade, Sophie retorna ao lugar onde Martine sofreu o estupro, um canavial, por recomendação de sua terapeuta. A partir da vivência do corpo, busca-se libertar a mente. Não somente isso, mas no caso, essa libertação estaria sendo feito também em nome de Martine, a essa altura já falecida. Em certo momento, no canavial, a avó Ifé, observando a neta, pergunta: “Ou liberé?” Ou seja, “Você está liberta?” (DANTICAT, 1994, p.234),

Sophie não responde à pergunta de sua avó: ela não fala se consegue se libertar ou não. Ela relata apenas que, na ocasião, tenta falar o que sente, mas as palavras não saem de sua boca (DANTICAT, 1994, p.234). A interdição de Martine parece se manifestar no corpo de Sophie. Paradoxalmente, contudo, é pelo corpo de Sophie, sua *Marassa* (alma gêmea) - elas são descritas assim em certo ponto no

3 “My flesh ripped apart as I pressed the pestle into it. I could see the blood slowly dripping onto the bed sheet. I took the pestle and the bloody sheet and stuffed them into a bag. It was gone, the veil that always held my mother’s finger back every time she tested me. My body was quivering when my mother walked into my room to test me. My legs were limp when she drew them aside. I ached so hard I could hardly move. Finally I failed the test.”

4 “My mother grabbed me by the hand and pulled me off the bed. She was calm now, resigned to her anger. ‘Go,’ she said with tears running down her face.”

romance, que a libertação de Martine parece ser possível.

3 | CONCLUSÕES

A leitura que faço é que Sophie de fato se sente liberta no momento citado, no canavial. Isso porque ela, como narradora, dá sinais, ao longo do romance, de sua semelhança com Martine e sugere que sua mãe teria sim, se libertado, com o suicídio. Primeiramente, Sophie diz que sua mãe era como a mulher que sangrava, história já citada. Logo em seguida, Sophie confessa: “Sim, minha mãe era como eu” (DANTICAT, 1994, p. 234). Se as duas se assemelham, pode-se supor, então, que ambas teriam conseguido se libertar dos traumas inscritos em seus corpos.

Mesmo com a minha leitura de que Sophie teria se libertado, naquele momento, o espaço da narrativa ainda se faz aberto, na medida que não sabemos como Sophie reagirá após esse episódio. O momento do canavial é senão um ponto de identificação e, como tal, ele pode ser deslocado. Seria essa personagem agora, capaz de viver sua sexualidade com seu marido sem constrições, por exemplo? Sophie diz que vem de um local onde a respiração, os olhos e a memória - referências diretas ao título do romance - são intimamente interligados, e de onde se carrega o passado como os cabelos de sua cabeça (DANTICAT, 1994, p. 234).

Refletindo sobre essa afirmação, podemos pensar que, se o passado de Sophie for carregado como os cabelos de sua cabeça, ele não é possível de ser negado. Contudo, isso não quer dizer que o passado seria um espaço fechado. Sabemos, por exemplo, que o elemento da tradição é relido por Sophie, principalmente no que se refere ao costume de testar a virgindade de filhas. Sophie se nega a fazê-lo no futuro. Sophie pode até carregar suas memórias como cabelos em sua cabeça, mas ela os trança, os transforma, isto é, faz releituras..

Por fim, Martine, em sua trajetória, parece se sentir estrangeira no espaço de seu próprio corpo. Mais do que isso, ela parece estar aprisionada nele. Segundo sua perspectiva, a materialidade do seu corpo a impede de se deslocar, de encontrar um lugar. Ela busca identificações ao longo de sua trajetória, como discutido, mas teria ela ou não, com o suicídio, finalmente se libertado? “Ou libéré, Martine?” Fica a pergunta, com interpretações diferentes possíveis, devido ao rico campo simbólico oferecido no texto de Danticat no que se refere a espacialidades e trajetórias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lúcia Helena Hebling. A psicologia junguiana, a psicologia organísmica de Sandor e o uso de desenhos. O desvendar de um rosto, uma nova identidade. In.: ZIMMERMANN, Elisabeth. **Corpo e individualização**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009. p.131-153.

- BAKARE-YUSUF, Bibi. *The Economy of Violence: Black Bodies and the Unspeakable Terror*. In.: Janet Price e Margrit Shildrick (Eds.). **Feminist Theory and the Body**. p.311-323. Routledge: NY, 1999.
- BELLALOUNA, Elizabeth; LABLANC, Michael L.; MILNE, Ira Mark. **Literature of Developing Nations for Students**. Detroit: Gale, 2000. v. 1.
- BUTLER, Judith. From *Bodies that Matter*. In: PRICE, Janet; SCHILDRICK, Margrit (Ed.). **Feminist Theory and the Body: a Reader**. New York: Routledge, 1999. p. 235-245.
- BUTLER, Judith. From *Gender Trouble*. In: LEITCH, Vincent (Ed.). **The Norton Anthology: Theory and Criticism**. New York: WW Norton, 2001. p. 2485-2501.
- BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. New York: Routledge, 2004. Kindle Edition.
- CARUTH, Cathy. **Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History**. Baltimore: John Hopkins, 1996.
- DANTICAT, Edwidge. **Breath, Eyes, Memory**. New York: Vintage Books, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2009b.
- FOUCAULT, Michel. **The History of Sexuality**. Trad. Rob Hurley. New York: Vintage Books, 1980. v. 1.
- GROSZ, Elizabeth. Contemporary Theories of Power and Subjectivity. In: GUNEW, Sneja (Ed.). **Feminist Knowledge: Critique and Construct**. London: Routledge, 1990. p. 59-120.
- HERMAN, Judith. **Trauma and Recovery: the Aftermath of Violence – from Domestic Abuse to Political Terror**. New York: Basic Books, 1992.
- JUNG, C.G. Seminários sobre visões. [Trad. P.Sandor - texto apostilado]. In: ZIMMERMANN, Elisabeth (Org.). **Corpo e individualização**. Petrópolis: Ed Vozes, 2009. p.7.
- LOOMBA, Ania. **Colonialism/Postcolonialism**. New York: Routledge, 1998.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política de espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- MASSEY, Doreen. **Space, Place and Gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.
- ROSE, Gillian. **Feminism and Geography: the Limits of Geographical Knowledge**. Minneapolis: Minnesota University Press, 1993.
- SARTHOU, Sharrón Eve. Unsilencing Défilés Daughters: Overcoming Silence in Edwidge Danticat's *Breath, Eyes, Memory* and *Krik? Krak!* **The Global South**, v. 4, n. 2, p. 99-123, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do discurso 9, 15, 16, 384, 387

Aparecido alves machado 173, 174, 179, 180, 181, 182, 190, 191

Aprendizagem 19, 20, 21, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 75, 76, 85, 86, 87, 90, 91, 94, 96, 98, 99, 100, 105, 108, 109, 114, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 126, 150, 155, 158, 159, 160, 270, 274, 275, 277, 278, 280, 281, 282, 294, 306, 308, 309, 310, 311, 312, 314, 315, 349, 350, 355, 358, 359, 360, 361, 362, 363

C

Cinderelas do campo 173, 174, 175, 179, 180, 182, 183, 184, 190, 191, 192

Compreensão oral 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84

Comunicação 25, 28, 32, 46, 47, 65, 66, 67, 69, 70, 73, 77, 78, 80, 81, 85, 87, 88, 89, 91, 94, 96, 97, 105, 106, 122, 125, 143, 144, 149, 157, 160, 161, 180, 272, 273, 274, 277, 288, 293, 295, 299, 306, 309, 337, 339, 340, 342, 347, 348, 376, 378, 398

Conhecimento 2, 7, 15, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 41, 48, 49, 51, 54, 55, 65, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 80, 82, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 114, 117, 118, 121, 123, 137, 151, 152, 159, 164, 166, 167, 169, 211, 223, 247, 254, 268, 269, 273, 274, 275, 278, 279, 280, 281, 298, 303, 304, 306, 311, 313, 314, 316, 317, 319, 321, 324, 328, 329, 331, 333, 334, 337, 343, 344, 345, 347, 351, 352, 360, 387

Corpo 13, 113, 136, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 168, 169, 203, 219, 222, 223, 224, 225, 230, 231, 235, 237, 239, 278, 280, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 305, 306, 308, 309, 310, 311, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 351, 355, 356, 357, 358, 361, 368

Currículo 17, 33, 37, 68, 69, 71, 72, 115, 117, 118, 121, 125, 232, 303, 351, 360

D

Discurso 8, 9, 10, 15, 16, 17, 27, 33, 39, 45, 78, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 115, 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131, 142, 154, 158, 213, 216, 217, 219, 221, 222, 223, 226, 227, 229, 230, 231, 251, 254, 266, 283, 286, 292, 297, 335, 344, 347, 364, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 384, 385, 386, 387, 388, 391, 392, 393, 394, 397, 398

E

Encontro 36, 37, 45, 49, 53, 54, 83, 92, 101, 134, 150, 151, 153, 157, 158, 159, 160, 161, 219, 230, 263, 274, 284, 290, 294, 297, 298, 316, 325, 326, 335, 337, 344, 348

Ensino de gramática 43, 44, 45, 46, 47, 63, 89

Ensino de língua 21, 23, 28, 30, 45, 48, 63, 66, 68, 73, 85, 119, 122, 123, 124, 127

Ensino de línguas 31, 33, 35, 36, 41, 74, 87, 88, 89, 119, 120, 125

Estratégias didático 17, 18, 22

Ética 88, 125, 126, 150, 157, 159, 162, 231, 261

F

Formação continuada de professores 41, 117

Formação do professor 31, 126

G

Gêneros textuais 26, 43, 44, 47, 50, 63, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 123

I

Indígena 193, 194, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 358

L

Letramentos 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 40, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Linguagem jornalística 9

Língua inglesa 1, 6, 7, 8, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 74, 75, 76, 81, 83, 84, 126, 139, 364

Língua portuguesa 4, 8, 9, 15, 16, 17, 18, 38, 44, 45, 47, 48, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 85, 86, 89, 90, 91, 93, 94, 101, 102, 105, 107, 122, 124, 127, 128, 148, 149, 205, 217, 222, 364, 399

Língua portuguesa para surdos 73

Línguas estrangeiras 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 74, 75, 118, 247

Linguística aplicada 18, 32, 41, 97, 100, 102, 103, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 125, 126, 127

Literatura 5, 6, 18, 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64, 94, 100, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 115, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137, 138, 142, 144, 146, 148, 149, 163, 164, 165, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 188, 190, 191, 192, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 227, 231, 233, 241, 247, 248, 252, 257, 258, 259, 262, 265, 266, 267, 269, 338, 364, 367, 368, 378, 379, 382, 384

Literatura de cordel 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64

Literatura sul-mato-grossense 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 190, 191, 192

Lugar das línguas 1

M

Mapuche 193, 194, 197, 198, 201, 202, 204, 205

Monitoria de língua portuguesa 93

Moodle 74, 75, 76, 80, 81, 83, 84

Mulher 112, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204, 209, 239, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 288, 289, 290, 291, 332, 333, 334

Multimodalidade 31, 32, 33, 34, 35, 37, 41

O

O cortiço 112, 115, 163, 164, 165, 167, 168, 171, 172

Oralidade 24, 28, 29, 37, 40, 51, 54, 85, 86, 87, 89, 90, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 114, 115, 211, 213, 276, 277

P

Pedagógicas 17, 18, 22, 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 78, 84, 85, 87, 92, 93, 121, 155, 157, 158, 159, 332, 334

Perspectiva bilíngue 65, 66, 72

Podcast 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Poesia 49, 50, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 139, 140, 144, 145, 147, 148, 149, 165, 173, 177, 180, 188, 190, 207, 213, 216, 260, 299, 374

Política 1, 6, 7, 8, 88, 114, 120, 121, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 169, 177, 183, 187, 191, 201, 212, 215, 225, 231, 242, 250, 261, 266, 286, 292, 326, 329, 345, 348, 365, 366, 372, 375, 376, 377, 381, 385, 390, 392

Política linguística 1, 7, 8

Práticas pedagógicas 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 121

Professores de língua materna 17

Proficiência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 21, 80, 103

R

Representação feminina 163, 168

Romantismo 133, 135, 136, 144, 145, 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 188, 190, 191, 192, 213, 241, 259, 260, 261, 262, 267, 269

S

Sequência didática 43, 44, 49, 51, 52, 54, 55, 64, 85, 90

Simão Dias 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Subalternidade 193, 201, 212, 374

Subordinação 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204

T

Tecnologias digitais de informação 85

V

Videoclipe musical 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

 **Atena**
Editora

2 0 2 0